

ESTRUTURAS DIALÉTICAS EM *O CAPITAL* DE KARL MARX

[DIALECTICAL STRUCTURES IN THE CAPITAL OF KARL MARX]

João Alberto Wohlfart

*Possui doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2008), na área de concentração de Ética e Filosofia Política; mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998), na área de concentração de Filosofia do Conhecimento e Filosofia da Linguagem; graduação em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (1994). É professor titular de Filosofia no Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE), de Passo Fundo. Possui experiência docente em Filosofia, nas disciplinas de Introdução à Filosofia, Filosofia da Educação, Teoria do Conhecimento, Antropologia Filosófica, Ontologia, Lógica, História da Filosofia Moderna e Cosmologia Filosófica. Atua nos seguintes temas: a) Sistemas neoplatônicos. b) Lógica e sistema filosófico hegeliano. c) Hegel e Idealismo alemão. d) Filosofia do Direito e Filosofia da História. e) Teorias da Complexidade e dos Sistemas. É autor dos livros *Metafísica e Ética: estudo sistemático em Hegel* (2003); *Filosofia e Economia: Marx e a crise do capitalismo atual* (2011); *Fundamentos Dialéticos da Pedagogia do Oprimido* (2013) e *Sistema hegeliano como Filosofia da História* (2014).*

(E-mail: joao@ifibe.edu.br)

Recebido em: 03 de fevereiro de 2019. Aprovado em: 13/03/2019

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx

WOHLFART, J. A.

Resumo: O texto visa uma abordagem de *o Capital*, de Karl Marx, na perspectiva da reconstrução dos principais momentos de articulação da obra. Trata-se de um complexo sistema dialético de racionalidade, estruturado em várias plataformas de desenvolvimento, articuladas em diferentes graus de exposição, num processo dialético que integra estas diferenças num movimento global. Procuramos expor os argumentos acerca das determinações imediatas do capital, os fundamentos da produção do capital, a passagem da produção para a superfície da circulação do capital, a circularidade global do capital e o processo global de produção capitalista. O texto dará ênfase aos principais momentos de articulação e de passagem que justificam os diferentes momentos de estruturação.

Palavras-chave: Capital. Capitalismo. Dinheiro. Marx. Mercadoria.

Abstract: The text aims at an approach of the *Capital*, of Karl Marx, in the perspective of the reconstruction of the main moments of articulation of the work. It is a complex dialectical system of rationality, structured on several development platforms, articulated in different degrees of exposure, in a dialectical process that integrates these differences into a global movement. We seek to set forth the arguments about the immediate determinations of capital, the foundations of the production of capital, the transition from production to the surface of the circulation of capital, the global circularity of capital, and the global process of capitalist production. The text will emphasize the main moments of articulation and passage that justify the different structuring moments.

Keywords: Capital. Capitalism. Money. Marx. Merchandise.

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

INTRODUÇÃO

O objeto do texto que segue é uma investigação acerca das diferentes modalidades de estruturas dialéticas e metodológicas estruturantes de *o Capital*, de Karl Marx. Como uma obra extensa e de enorme complexidade, uma das condições para a sua leitura e compreensão é a reconstrução de sua estrutura metodológica, que apresenta várias formas de exposição ao longo da obra. *O Capital* está articulado em várias estruturas de desenvolvimento dialético, em vários graus de efetividade nos quais o capital se constitui estruturalmente e em vários níveis de abrangência nos quais se articula. Desta forma, quando Marx emprega uma mesma categoria ao longo da obra, não está sempre dizendo a mesma coisa.

Sabe-se da estruturação de *o Capital* em três livros, o primeiro intitulado “*O processo de produção do Capital*”, o segundo intitulado “*O processo de circulação do Capital*” e o terceiro intitulado “*O processo global de produção capitalista*”, o que significa uma sucessão de círculos dialéticos que caracterizam a sua estrutura argumentativa. Com esta exposição, a estrutura da obra é equivalente em complexidade, profundidade e significatividade à *Ciência da Lógica* hegeliana, pois, com algumas variantes, abordagem e diferença de objeto de investigação, as duas obras são muito próximas e figuram entre as mais complexas da história.

A pergunta do texto que segue diz respeito aos movimentos de articulação e de passagem de um círculo de estruturação do capital para o outro e em que consiste o movimento de fundamentação global do capital? O propósito do texto é expor os diferentes momentos estruturantes do processo dialético que dão sustentação à obra como um todo. Como Marx parte do mais simples e imediato e amplia a exposição para estruturas capitalistas e intercapitalistas globais, serão expostos os momentos estruturantes deste processo.

Para uma exposição dos movimentos dialéticos de *o Capital*, serão levadas em consideração as determinações imediatas do capital, tais como aparecem na superfície da sociedade, a interioridade da essência e da produção, a volta à superfície onde se integram a produção e o consumo na circularidade das determinações do capital e o processo global de produção. Trata-se de momentos diferenciados e autocontraditórios do capital em patamares cada vez mais amplos e complexos, paradoxalmente ligados com o processo de coisificação e desumanização do homem.

O estudo aqui apresentado é motivado pelos 200 anos de nascimento de Karl Marx e pelos 150 anos de publicação do primeiro livro de *o Capital* celebrado no ano de 2017. É uma espécie de homenagem ao velho e eternamente jovem Marx. Também é motivado pelo desafio permanente de estudo da obra, já que o aprendizado a partir dela é inesgotável. A crise do capitalismo internacional, com as suas profundas mazelas na sociedade humana, torna relevante o estudo e aprofundamento da grande obra de Karl Marx. Do ponto vista metodológico, apenas citaremos alguns textos de *o Capital* selecionados a partir de toda a extensão e sistemática da obra.

AS DETERMINAÇÕES IMEDIATAS DO CAPITAL

Marx começa a sua obra com as determinações mais imediatas e mais superficiais do capital. O ponto de partida do filósofo é a superfície visível da sociedade, uma espécie de universalidade

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

imediate e indeterminada nela mesma, sem o questionamento das razões mais profundas das relações de consumo da superfície imediata. Em outras palavras, Marx começa o *Capital* com a imediatividade do mundo visível com os olhos e os sentidos, uma espécie de mundo considerado pelo senso comum como simplesmente dado e estabelecido. A primeira frase do *capital* é sugestiva a este respeito, pois, ao expressar que a superfície da sociedade parece como um amontoado de mercadorias é um indicativo claro de aparência exterior imediata. Diante desta afirmação inicial, ainda não é considerada e conhecida a lógica de produção deste universo de mercadorias, que aparecem em sua absoluta indiferença e abstração.

No começo da obra, Marx discute valor-de-uso, valor-de-troca, mercadoria e dinheiro, categorias estruturantes da teoria do valor. Marx sabe muito bem da necessidade de ir além do senso comum que considera o mundo das mercadorias como simplesmente dado, quando se propõe compreender filosoficamente e expor esta reflexão na forma da problematização filosófica. Ao referirmos o valor-de-uso como uma qualidade intrínseca aos objetos produzidos, trata das qualidades materiais do objeto, da matéria e dos processos necessários à sua produção, das habilidades humanas e das funções materiais que carrega na condição de objeto de uso. Nesta qualidade, um objeto material qualquer se distingue de outros objetos e o mundo é formado por uma multiplicidade de mercadorias diferentes, todas elas com as suas funções específicas e diferenciadas. Em contrapartida, na denominação de valor-de-troca, as mercadorias entram no processo de circulação e de troca, perdem as suas qualidades materiais específicas e são abstraídas à mera condição de referência de troca. Para esta atribuição específica dos objetos, eles são dissolvidos no sistema de circulação, conservam unicamente o seu referencial de troca e se transformam em mercadorias. Isto significa dizer que se transformam em componentes de uma massa imensa de mercadorias circulantes no sistema de troca. Só possuem valor no circuito da compra e da venda mercantil.

Segundo raciocínio desenvolvido por Marx no primeiro volume de *o Capital*, a mercadoria apresenta a dupla faceta da heterogeneidade e da diferença concretizadas no valor-de-uso, e a homogeneidade e indiferença concretizadas na denominação do valor-de-troca. Neste raciocínio, as mercadorias por elas mesmas não possuem valor, mas o que gera valor é o tempo de trabalho socialmente necessário para a sua produção. O trabalho é configurado na dimensão do trabalho concreto, materializado pelas habilidades específicas do trabalhador no processo de produção de determinado objeto com utilidade específica. A outra dimensão é o trabalho abstrato obtido pela força geral do trabalho a partir da imensa massa de trabalhadores que materializam uma força uniforme de trabalho na produção de mercadorias resultante na forma genérica do valor-de-troca. A forma do valor-de-troca a comparar quantitativamente todas as mercadorias entre si é o dinheiro na dupla figuração de forma equivalente e forma relativa. Como forma equivalente, as mercadorias são basicamente iguais e homogêneas na forma abstrativa do dinheiro. Como forma relativa, o dinheiro é a expressão do sistema relacional que caracteriza o universo das mercadorias.

No raciocínio de Marx, a forma dinheiro mediatiza as relações entre as coisas e entre as pessoas. É através dela que as pessoas estabelecem relações materiais entre si, no do mecanismo de compra e de venda. O sistema de necessidades das pessoas e da sociedade de modo geral é satisfeito pela troca de mercadorias por meio do dinheiro, estabelecendo um sistema social mediatizado materialmente pela produção e pelo consumo. As trocas materiais entre as pessoas e o sistema de relações entre as coisas constitui o mercado universal de trocas formado por vendedores possuidores de mercadorias e por compradores não possuidores de mercadorias. Neste sistema, o que cada um possui tende a ser vendido e lançado ao mercado, e o que cada um não possui é comprado nos mais variados setores da produção e do comércio. O sistema de troca de mercadorias é sustentado pela mercadoria por excelência do dinheiro, que funciona como medida

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

de valor e meio de circulação. Como medida de valor, o dinheiro atribui o valor a todas as mercadorias e as compara entre si; como meio de circulação, os consumidores trocam do dinheiro pelas mercadorias.

O dinheiro, como medida de valor, divide a sociedade em devedores e credores. O círculo da compra e da venda, quando os capitalistas compram para vender, o dinheiro se transforma em capital. O processo interminável de troca de mercadorias tende a acrescentar uniformemente preços às mercadorias, mas não é capaz de gerar lucro. Para Marx, o lucro é gerado pela compra da força de trabalho e pela sua exploração através da mais-valia. Na compra e venda da força de trabalho, a massa de trabalhadores transfere para o capitalista o excedente não pago na forma de lucro, o que engendra a contradição fundamental da relação entre capital e trabalho. Do ponto de vista social e das relações de produção, esta relação engendra a luta de classes entre os capitalistas detentores das forças produtivas e os trabalhadores vendedores de sua força de trabalho. A radical contradição entre trabalho e capital é exposta em toda a obra, nas suas diferentes manifestações, desdobramentos e níveis de complexidade, no interior da qual são constituídas muitas outras formas de contradição implosivas. Escreve Marx:

Não basta, porém, expressar o caráter específico do trabalho que cria o valor do linho. A força humana de trabalho em ação ou o trabalho humano cria valor, mas não é valor. Vem a ser valor, torna-se valor, quando se se cristaliza na forma de um objeto. Para expressar o valor do linho como massa de trabalho humano, temos de expressá-lo como algo que tem existência material diversa da do próprio linho e, ao mesmo tempo, é comum a ele e a todas as outras mercadorias. Fica assim resolvido o nosso problema (MARX, 1999, p. 73).

Nesta formulação, as habilidades requeridas para cada ofício são diferentes das habilidades necessárias para outro ofício. Desta forma, é diferente o trabalho de um criador de gado, de um açougueiro, de um coureiro, de um fabricante de sapatos, de um alfaiate etc. Mas, o trabalho do alfaiate é antecipado pelo trabalho do coureiro, este pelo trabalho do açougueiro, este pelo criador de gado, este pelo fabricante de rações etc. Nesta cadeia que se torna cíclica e distribuída em vários círculos e movimentos, estabelece-se um sistema social de trabalho no qual todas as profissões e trabalhos constituem um elo de uma cadeia universal e estrutural de mútuo condicionamento. Esta interdependência é condicionada pela massa social da força de trabalho que cria o valor, como uma única força social criadora do universo das mercadorias. Segundo Marx, o trabalho humano não é valor, mas é fonte criadora de valor materializado na massa das mercadorias. Isto significa dizer que a abordagem marxista tem uma base ética, no sentido de que o trabalho humano não pode ser esvaziado pela exploração econômica. Em função da massa das mercadorias, o linho se torna uma referência comparativa entre todas elas. O raciocínio continua:

O valor de uma mercadoria, do linho, por exemplo, está agora expresso em inúmeros outros elementos do mundo das mercadorias. O corpo de qualquer outra mercadoria torna-se espelho onde se reflete o valor do linho. Desse modo, esse valor, pela primeira vez, se revela efetivamente massa de trabalho humano homogêneo. O trabalho que cria se revela expressamente igual a qualquer outro. Por isso, não importa a forma corpórea assumida pelos trabalhos, seja ela qual for, casaco, trigo, ferro ou ouro etc. Através da forma extensiva em que manifesta seu valor, está o linho, agora, em relação social não só com uma mercadoria

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

isolada de espécie diferente, mas também com todo o mundo das mercadorias. Como mercadoria, é cidadão do mundo. Ao mesmo tempo, da série infundável das expressões da forma extensiva se infere que ao valor não importa a forma específica do valor-de-uso em que se manifesta (MARX, 1999, p. 84-85).

Marx pretende demonstrar que o linho é a manifestação de todo o universo de mercadorias. Nesta lógica, o valor de todas as mercadorias se manifesta no valor do linho, como o resultado da convergência e da combinação de todas elas, ao passo que o valor do linho se estende por todas as outras mercadorias. Esta é a razão pela qual o linho se torna a referência comparativa de valorização do universo das mercadorias. Em outras palavras, o linho se transforma na medida de valoração de todas as mercadorias. Há uma questão muito mais profunda nesta abordagem realizada por Marx, pois no processo de formação do valor, não contam as diferenças de habilidades, de profissões e de categorias de trabalhadores, mas em função do valor capitalista, o trabalho humano social se transforma numa massa homogênea de trabalho como uma força criadora de valor. No trabalho humano desaparece a dimensão qualitativa das diferentes habilidades e da diversidade de objetos dali resultantes, para se dissolver quantitativamente numa única força criadora de valor e numa massa indiferenciada de mercadorias. Em outras palavras, o trabalho humano não cria uma base material para a satisfação das necessidades e para a vida humana, mas o valor é criado por uma força quantitativamente massificada e homogeneizada de trabalho social. Neste sentido, Marx já constata no começo de *o Capital* que o sistema capitalista não produz os meios para a reprodução da vida material, mas uma abstração que visa única e exclusivamente o lucro. Continuamos com o raciocínio de Marx:

A circulação das mercadorias é o ponto de partida do capital. A produção de mercadorias e o comércio, forma desenvolvida da circulação de mercadorias, constituem as condições históricas que dão origem ao capital. O comércio e o mercado mundiais inauguram no século XVI a moderna história do capital. Se pusermos de lado o conteúdo material da circulação de mercadorias, a troca dos diferentes valores-de-uso, para considerar apenas as formas econômicas engendradas por esse processo de circulação, encontraremos o dinheiro como produto final. Esse produto final da circulação das mercadorias é a primeira forma em que aparece o capital (MARX, 1999, p. 177).

Marx indica claramente o ponto de partida do capital e da sociedade capitalista. Trata-se do sistema de trocas extensivo a todo o planeta, da circulação de mercadorias na forma de comércio e de mercado, no qual cada um compra de muitos, cada um vende para muitos, cada ramo da produção vende para muitos e compra de muitos, resultando num sistema mundial de troca de mercadorias. Como se trata de um universo no qual as mercadorias circulam no grande mercado e no sistema de troca, o que lhes sobra nesta circulação é a equivalência com outras mercadorias. Esta circulação geral faz com que as mercadorias sejam mutuamente equivalentes entre si e a reciprocidade seja estabelecida no sistema objetivo do mercado. Desta troca universal de mercadorias surge o dinheiro como expressão do valor do intercâmbio global, pois no círculo no qual uma mercadoria equivale à outra, uma equivale a muitas, muitas a muitas e todas as mercadorias do mundo se equivalem reciprocamente em valor tem a sua expressão no dinheiro. Marx é bem claro ao evidenciar que a modernidade iniciada no século XVI com o sistema de circulação de mercadorias, cujo resultado final deste processo é o dinheiro. Para o pensador, no

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

círculo do comércio e do mercado, o dinheiro se transforma em capital como a primeira e elementar forma de manifestação do capital.

Marx evidencia esta lógica numa fórmula complexa e conhecida. No círculo de mediação M-D-M, o dinheiro funciona como um meio de troca simples de mercadorias. Em outras palavras, trata-se da circulação simples de mercadorias na qual o dinheiro passa de mão em mão para a aquisição de mercadorias. Nesta fórmula, o dinheiro é um simples meio para a aquisição de mercadorias e de realização de compras. Mas esta fórmula de circulação simples de mercadorias se transforma na mediação D-M-D, na qual o dinheiro aparece como a primeira forma de manifestação do capital. Nesta fórmula, o capitalista possuidor de dinheiro adianta dinheiro para a compra de máquinas, equipamentos, fábricas e terras, produz mercadorias e as vende por um preço mais elevado e este dinheiro volta com acréscimo ao seu bolso. Neste círculo, o dinheiro opera o milagre da autocirculação e da autorreprodução enquanto substancialidade da imanência do processo produtivo e retorna à sua pátria celeste na condição de lucro. Para Marx, começa aqui o processo de criação divina onde o capital estabelece o seu reinado absoluto e soberano sobre a terra. Sobre isto, Marx escreve de forma precisa:

Como representante consciente desse movimento, o possuidor do dinheiro torna-se capitalista. Sua pessoa, ou melhor, seu bolso, é donde sai e para onde volta o dinheiro. O conteúdo objetivo da circulação em causa – a expansão do valor – é sua finalidade subjetiva. Enquanto a apropriação crescente da riqueza abstrata for o único motivo que determina suas operações, funcionará ele como capitalista, ou com capital personificado, dotado de vontade e consciência. Nunca se deve considerar o valor-de-uso objetivo imediato do capitalista. Tampouco o lucro isolado, mas o interminável processo de obter lucros. Esse impulso de enriquecimento absoluto, essa caça apaixonada ao valor, é comum ao capitalista e ao entesourador, mas enquanto esse é o capitalista enlouquecido, aquele é o entesourador racional. A expansão incessante do valor, por que luta o entesourador, procurando salvar, tirar dinheiro da circulação, obtém-na de maneira mais sagaz o capitalista, lançando-o continuamente na circulação (MARX, 1999, p. 183-184).

O texto de Marx é coextensivamente irônico e denso de significação filosófica. O dinheiro em forma de capital percorre um ciclo de autovalorização quando retorna ao bolso do capitalista, o sacrário vivo de sua residência, e retorna à circulação para um novo ciclo de autovalorização. Trata-se de um processo epistemológico que parte da objetividade do sistema produtivo capitalista e se manifesta na subjetividade e interioridade da expansão contínua do valor. Marx já evidencia os primeiros passos da produção capitalista, não centralizada na produção de objetos enquanto valores-de-uso, mas ela tem como finalidade única a constituição da riqueza abstrata. O capitalista tem como objeto único o aumento de seu capital na forma de dinheiro abstrato. Não se trata apenas da dimensão abstrata da produção do dinheiro como um movimento de autovalorização, mas o capitalista perde a sua personalidade pessoal e a transfere ao movimento do capital como tal. O capital passa a ser dotado de vontade e consciência, concentra em si mesmo a razão prática e a razão teórica. Como razão prática, move incondicionalmente tudo e se determina neste movimento; como razão teórica, torna-se a subjetividade absoluta.

Marx distingue entre capitalista enlouquecido e entesourador racional. O processo capitalista de produção de valor não consiste num lucro esporádico que aumenta quantitativamente as posses, mas de uma expansão contínua da posse em forma de dinheiro. O capitalista precisa

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

obter continuamente lucros e aumentar exponencialmente a sua expansão. Subjetivamente, ele alimenta um desejo ilimitado de obtenção de lucros. O capitalista enlouquecido é aquele que entesoura, deixa o seu dinheiro parado e o guarda embaixo do colchão. O capitalista racional é aquele que lança continuamente dinheiro na circulação e o retira em forma de lucro ilimitado, pois o seu bolso ou a sua conta bancária é o espaço de onde o dinheiro sai e para onde volta, num movimento absoluto em contínua ampliação.

De forma sintética, expomos o primeiro momento lógico-conceitual do capital. Trata-se do momento abstrativo da superfície social no qual o capital se constitui, na forma da circulação e do valor-de-troca. É o momento da universalidade simples caracterizado pelo sistema universal de troca efetuado pela mediação do dinheiro e pelo dinheiro em forma de resultado da troca universal. Destaca-se de forma clara a universalidade imediata e imaterial da riqueza abstrata manifestada no dinheiro e na troca universal de mercadorias efetuada na superfície da sociedade em função da obtenção de mais dinheiro em forma de lucro. Trata-se, igualmente, a abstração da força universal e abstrata do trabalho como matriz produtora de mercadorias. Estas também são abstratas porque se identificam no sistema e no círculo de trocas, na condição de valores de troca. Este primeiro momento estruturante de *o Capital* é insuficiente porque não explica a criação de valor no processo de circulação das mercadorias, pois se todos aumentam em dez pontos percentuais o preço de suas mercadorias, isto não significa a obtenção de lucros. Para Marx, “se se trocam equivalentes, não se produz valor excedente (mais-valia), e, se se trocam não-equivalentes também não surge nenhum valor excedente. A circulação ou a troca de mercadorias não criam nenhum valor” (MARX, 1999, p. 193-194).

DA SUPERFÍCIE PARA O FUNDAMENTO DO CAPITAL

Marx expressa a insuficiência da esfera da circulação de mercadorias e da formação do capital dinheiro. Trata-se de um universo que não se justifica a si mesmo como um movimento autotélico, necessitando de uma referência fora da circulação para se justificar. Do ponto de vista lógico e epistemológico, significa adentrar numa outra esfera de racionalidade filosófica, num procedimento racional que parte da exterioridade imediata e se encaminha para a interioridade do fundamento. Do ponto de vista estritamente filosófico, este movimento tem como equivalente a passagem da indeterminidade do ser hegeliano para a reflexividade da essência. Para uma longínqua comparação e aproximação, o momento da qualidade pode ser comparado ao valor-de-uso, a quantidade pode ser comparada ao valor-de-troca e a medida pode ser comparada com o dinheiro. Sobre esta passagem Marx escreve:

Para transformar dinheiro em capital, tem o possuidor do dinheiro de encontrar o trabalhador livre no mercado de mercadorias, livre nos dois sentidos, o de dispor, como pessoa livre, de sua força de trabalho como sua mercadoria, e o de estar livre, inteiramente despojado de todas as coisas necessárias à materialização de sua força de trabalho, não tendo, além desta, outra mercadoria para vender (MARX, 1999, p. 199).

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

Neste novo momento lógico entra em cena a pessoa do trabalhador. É um indicativo claro de que somente há lucro no sistema de circulação de mercadorias se este sistema é engendrado pelo trabalho humano. O trabalhador é livre no duplo sentido de não estar transformado em mercadoria pelo processo de circulação e não é possuidor de nenhum meio de produção (máquina e fábrica) onde possa objetivar a sua atividade. Nestas condições, o trabalhador não possui nenhuma propriedade material, está inteiramente fora do círculo de propriedade e do processo de produção capitalista. Desta forma, ele é livre porque não é explorado pelos mecanismos capitalistas de produção e de consumo. Marx é bem claro ao afirmar que o sistema de produção e de trocas não engendra valor em sua circularidade interna, havendo a necessidade de buscar esta força motriz fora desta circulação, na força do trabalho. O capitalista precisa de muita habilidade para encontrar este trabalhador livre, pois a única coisa que ele tem é a força de trabalho potencialmente capacitada de ser comprada pelo capitalista. Configura-se uma massa de seres humanos na condição de indeterminação, pois estão fora do sistema de circulação e potencialmente disponíveis para vender a sua força de trabalho. Trata-se de uma espécie de universalidade indeterminada e potencialmente aplicável porque a força de trabalho somente se torna realidade quando posta em ação no exercício do trabalho. Desta forma, para Marx, somente há produção de capital quando o capitalista encontra o trabalhador nesta condição. No processo de trabalho, somente lhe resta a sobrevivência física para manter viva a sua força para o trabalho. Completamos com Marx:

O limite último ou mínimo no valor da força de trabalho é determinado pelo valor da quantidade diária de mercadorias indispensável para que o portador da força de trabalho, o ser humano, possa continuar vivendo, ou seja, pelos meios de subsistência fisicamente imprescindíveis. Se o preço da força de trabalho baixa a esse mínimo, baixa também o seu valor, e ela só pode vegetar e atrofiar-se. Mas o valor da mercadoria é determinado pelo tempo de trabalho requerido para que seja fornecida de acordo com a sua quantidade normal (MARX, 1999, p. 203).

O segredo deste momento é a problematização de um mundo invisível no processo produtivo movimentado pelo trabalho. A pergunta diz respeito à força motriz da circulação de mercadorias que produz o capital na forma de lucro. O mundo que Marx desvenda pela problematização filosófica e pela visão estritamente racional é invisível aos olhos do senso comum, pois está situado abaixo do universo desordenado das mercadorias que o encobrem. Em outras palavras, o simples comprador e consumidor de mercadorias não se perguntam acerca da origem das mercadorias consumidas sob a forma de valor-de-uso, pois não sabem da origem das mercadorias e não têm conhecimento acerca do processo produtivo e de circulação. O ponto de partida para a compreensão da produção do sistema de mercadorias é o fato de o trabalhador apenas receber como pagamento a metade do que efetivamente produz, ou seja, ele trabalha a metade de uma jornada de trabalho para se pagar a si mesmo, as outras horas trabalhadas se transformam em capital. O trabalhador recebe como salário o correspondente para a sobrevivência física dos meios imprescindíveis para tal necessidade fundamental. De agora em diante, na sociedade capitalista como um todo, os bens produzidos e o dinheiro em circulação serão resultantes da exploração da mais-valia absoluta e relativa.

A atividade do trabalho compreende vários elementos que o caracterizam como tal. Integra o trabalhador, o objeto do trabalho transformado pelo trabalho humano e os instrumentos de trabalho por meio dos quais o objeto é trabalhado. No processo de interiorização epistemológica para a essência do sistema capitalista, estes componentes entram em questão. Marx expõe no

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

primeiro livro de *o Capital* as duas formas de produção da mais-valia, a absoluta e a relativa. A mais-valia absoluta consiste simplesmente no aumento da jornada de trabalho quando a necessidade do aumento da produção o requer. Nesta situação, o trabalhador é obrigado a trabalhar algumas horas a mais para produzir mais. A mais-valia relativa consiste na redução da jornada de trabalho e na introdução de novos instrumentos de trabalho que produzem mais, de forma mais regular e mais perfeita em menos tempo. Tal é o caso da substituição da força da mão física do trabalhador pelas máquinas. O universo das máquinas introduz uma lógica segundo a qual a atividade fundamental do trabalhador tende a desaparecer e é substituída pela força objetiva e regular das máquinas às quais o homem se subjugua na condição de peça exterior.

Marx dá um destaque especial ao processo de produção da mais-valia relativa, categoria mais adequada para a compreensão e exposição do modelo produtivo capitalista. O filósofo classifica as diferentes modalidades desta produção num processo sistemático caracterizado pela perda progressiva da subjetividade do trabalhador e pela afirmação do processo objetivo e automatizado da mecanização. Estas modalidades são a cooperação, a manufatura e a grande maquinaria, como um indicativo, não de um processo individual de produção, mas a sociedade capitalista exibe um sistema coletivizado, integrado e sistematizado de trabalho. Esta sequência de modalidades produtivas pode ser compreendida como uma exposição do modelo capitalista na perspectiva do seu desenvolvimento em diferentes etapas históricas, com destaque na revolução das forças produtivas e meios de produção conquistados através da introdução da maquinaria moderna. Nestas modalidades, destaca-se o trabalho coletivizado e organizado, muito mais rentável e produtivo que o trabalho individualizado. Quando destacamos, por exemplo, a passagem da manufatura para a grande indústria, o emprego subjetivo de ferramentas de trabalho enquanto ação continuada e coletivizada é substituída por um sistema de máquinas que aciona as ferramentas de trabalho, dispensando o trabalhador nesse processo. Na problematização e compreensão filosófica desta estrutura interna do capital é evidenciada a coisificação do trabalhador e do ser humano e a transferência de sua força subjetiva e coletiva para o sistema objetivo do mundo capitalista. A este respeito, Marx escreve de forma clara:

O instrumento de trabalho, ao tomar a forma de máquina, logo se torna concorrente do próprio trabalhador. A auto-expansão do capital através da máquina está na razão direta do número de trabalhadores cujas condições de existência ela destrói. Todo o sistema de produção capitalista baseia-se na venda da força de trabalho como mercadoria pelo trabalhador. A divisão manufatureira do trabalho particulariza essa força de trabalho, reduzindo-a à habilidade muito limitada de manejar uma ferramenta de aplicação estritamente especializada. Quando a máquina passa a manejar a ferramenta, o valor-de-troca de força de trabalho desaparece ao desvanecer seu valor-de-uso. O trabalhador é posto fora do mercado como o papel-moeda retirado da circulação (MARX, 1999, p. 491).

Segundo Marx, a antinomia radical intrínseca ao processo de constituição da modernidade é entre o desenvolvimento das forças produtivas, a construção da estrutura econômica e a destruição do ser humano e das relações sociais. Em outras palavras, quanto mais qualificado for o desenvolvimento da estrutura material e da tecnologia, mais o ser humano encontra-se pauperizado e degradado. A expansão da força produtiva das máquinas tem como contrapartida a destruição das condições humanas e existenciais dos trabalhadores rebaixados à condição de massa sobrando que não mais importa para o capital. Ao expor o caráter intrínseco do processo produtivo capitalista, Marx denuncia a sistêmica escravidão moderna caracterizada pela venda da força de

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

trabalho ao capital que suga a subjetividade e a vida dos trabalhadores. Isto fica caracterizado pelo desaparecimento do trabalho humano como valor-de-uso diante das máquinas que movem as múltiplas ferramentas antes movidas pela mão do trabalhador. No sistema capitalista, o trabalhador é jogado fora como uma antiga ferramenta que perdeu utilidade, ou como uma moeda de troca que perdeu valor. Nestas alturas, já é radical a separação que se manifesta entre a coisificação da subjetividade social e o avanço tecnológico do sistema produtivo. Sobre a acumulação capitalista, Marx escreve:

As circunstâncias mais ou menos favoráveis em que se conservam e se reproduzem os assalariados em nada modificam o caráter fundamental da produção capitalista. A reprodução simples reproduz constantemente a mesma relação capitalista: capitalista de um lado e assalariado do outro. Do mesmo modo, a reprodução ampliada ou a acumulação reproduzem a mesma relação em escala ampliada: mais capitalistas ou capitalistas mais poderosos, num polo, e mais assalariados, no outro. A força de trabalho tem de incorporar-se continuamente ao capital como meio de expandi-lo; não pode livrar-se dele. Sua escravização ao capital se dissimula apenas com a mudança dos capitalistas a que se vende, e a sua reprodução constitui, na realidade, um fator de reprodução do próprio capital. Aumentar capital é, portanto, aumentar o proletariado (MARX, 1999, p. 716).

Uma das consequências da exploração da mais-valia é a reprodução capitalista, no formato simples e ampliado. A sociedade capitalista tem como característica fundamental e como estrutura básica a antinomia que se estabelece entre os donos dos meios de produção e a massa de assalariados. Nas diferentes figurações históricas desta relação, ela caracteriza a infraestrutura da relação de produção da sociedade capitalista, portanto sempre será uma forma de escravidão e de extrema exploração. Mesmo que a massa de assalariados melhore as suas condições econômicas e sociais, os trabalhadores sempre serão explorados pelo capital e sempre serão a base invisível de sustentação da classe burguesa dominante. Os lucros capitalistas e a relação social implicada no domínio capitalista são reproduzidos de forma simples e de forma ampliada. A forma simples de obtenção de lucro e de escravização da massa assalariada é a exploração básica de algumas horas de trabalho diário de mais-valia absoluta e relativa quando são dados os primeiros passos na formação do capital. A reprodução ampliada deste sistema se expressa na incomensurável força de expansão da riqueza global e da formação de uma nova burguesia altamente concentradora da riqueza universalmente produzida. Em contrapartida, aumenta exponencialmente a massa do proletariado e a massa dos desempregados como um universo de excluídos que não interessa mais ao capital. A ampliação da qual fala Marx diz respeito aos novos bilionários e trilionários da atualidade, que concentram a quase totalidade da riqueza global nas mãos de poucos indivíduos. Em contrapartida, as massas escravizadas do capitalismo atual não são críticas diante da tortura de que são vítimas, mas como gado conduzido ao matadouro louvam os seus próprios matadores e torturadores.

Até o presente destacamos a superfície imediata da sociedade na qual são trocadas as mercadorias por dinheiro. A argumentação de Marx destaca que este círculo amplo não se sustenta a si mesmo, com a conseqüente necessidade de dar um passo a mais para indicar a sua força articuladora. Em palavras simples, o livro intitulado "*O processo de produção do Capital*" tem como referencial de racionalidade a lógica produtora do capital a partir da exploração e acumulação da mais-valia que se transforma em capital. Marx desvenda os porões desconhecidos da sociedade capitalista, exatamente no universo invisível de produtividade material em alta escala e de produção

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

de novos escravos que transferem a sua humanidade e força de trabalho para o sistema do capital. Marx desvenda a radical escravidão humana desencadeada na estrutura interna e invisível da sociedade capitalista que tem como caracterização fundamental a materialização e exteriorização da exploração do homem. Nestes termos, a riqueza capitalista, o dinheiro capitalista, o sistema de propriedade, a opulência dos ricos e o sistema capitalista como um todo constituem objetivações da subjetividade social alienada.

DA PRODUÇÃO PARA A CIRCULAÇÃO

Um novo patamar de desenvolvimento do capital, Marx expõe no livro segundo intitulado “*O processo de circulação do Capital*”. Trata-se de um livro fundamental no conjunto da obra porque nele Marx já formula a estrutura do capital no seu processo de circulação. Do ponto de vista metódico, a argumentação sai das catacumbas da humanidade e dos porões de fabricação da desumanidade, novamente emerge para a superfície da sociedade, da circulação e do consumo. A atual superfície que aparece não caracteriza mais a universalidade imediata da mercadoria, do dinheiro e da circulação simples, mas trata da superfície dialeticamente qualificada porque ela não é oposta à essência e à produção. Trata-se da unidade entre a produção e o consumo, entre produção e circulação na totalização da circularidade global do capital, que engloba o capital dinheiro, o capital industrial e o capital mercantil. No método dialético de exposição, a totalidade do capital social se desenvolve através da rotação e da mediação das diferentes modalidades de capital que percorrem os seus ciclos no ciclo da totalidade do capital que percorre o seu ciclo através dos ciclos das frações particulares. Sobre a circularidade Marx escreve:

Globalmente, o capital se encontra, ao mesmo tempo, em suas diferentes fases que se justapõem. Mas cada parte passa, ininterrupta e sucessivamente de uma fase, de uma outra forma funcional, para outra, funcionando sucessivamente em todas. As formas são, portanto, fluidas e sua simultaneidade decorre de sua sucessão. Cada forma sucede e precede a outra, de modo que o retorno de uma parte do capital a uma forma tem por condição o regresso de outra parte a outra forma. Cada parte descreve continuamente seu próprio circuito, mas de cada vez se encontra em dada forma outra parte do capital, e esses circuitos particulares constituem apenas elementos simultâneos e sucessivos do movimento global (MARX, 2008, p. 119).

No segundo livro, Marx expõe as figuras de circulação do capital antecipadas pelo ciclo de cada capital considerado individualmente. Os componentes desta circularidade são a totalidade do capital industrial e as suas determinações internas de capital produtivo, capital dinheiro e capital comercial. Trata-se de um sistema de circularidade, no qual cada capital percorre o seu círculo através dos outros, a totalidade do capital circula em e através de cada capital individual e o conjunto dos capitais formam a totalidade do capital industrial. A abordagem filosófica caracteriza um sistema de integração entre a totalidade e a diversidade, a totalidade do capital existindo nas particularidades e as partes em constituição recíproca em seu interior. Nesta composição, o capital industrial caracteriza a totalidade do capital porque Marx tem em consideração o modelo industrial

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

de produção que envolve todo o sistema econômico e todo o sistema social. Nesta formulação, a totalidade do capital industrial em seu movimento constitui as formas particulares de capital e estas, em sua intercircularidade e interrelacionalidade fundamentais, constituem o capital industrial em sua totalidade. Nesta formulação, os três círculos particulares são transversalmente atravessados e mediatizados pela totalidade, num movimento de mediação no qual a totalidade se particulariza nas três modalidades particulares, e as particularidades ciclicamente interconectadas produzem a totalidade do capital industrial. Seguimos com Marx:

Se fizermos uma síntese das três formas, todas as condições prévias do processo se mostram resultado dele, por ele mesmo produzidas. Cada elemento aparece como ponto donde se parte, por onde se passa e para onde se volta. O processo total se apresenta como unidade do processo de produção e do processo de circulação; o processo de produção serve de meio para o processo de circulação e vice-versa (MARX, 2008, p. 115).

Quando Marx formula a circularidade dialética entre a totalidade do capital industrial e as suas frações particulares, isto é estruturado num sistema universal de mediações e silogismos. Cada uma das determinações do capital aparece como ponto de partida, como mediação e como ponto de chegada do processo de circulação, através do qual o capital se autodetermina e se expande sistematicamente. Para uma formulação completa desta questão é necessário construir as diferentes mediações em formatos silogísticos nos quais o capital dinheiro corresponde com a universalidade, o capital produtivo corresponde com o momento da particularidade e o capital comercial e mercantil corresponde com o momento da singularidade¹. Na circularidade dos capitais individuais, não se trata apenas de um relacionamento no qual um se aproxima externamente ao outro, mas, reciprocamente, se perpassam e se transformam uns nos outros. Desta forma, o capital dinheiro é adiantado na compra de máquinas e indústrias, circula por dentro do processo produtivo e do comércio quando volta ao bolso do capitalista em maior magnitude. O capital produtivo, como um complexo sistema de forças produtivas, produz o universo de objetos materiais transformados na massa de mercadorias postas na esfera da circulação movida pelo capital dinheiro que funciona como meio de troca universal. O capital comercial, por sua vez, é a expressão por excelência da circulação do capital e do sistema de mercadorias, no interior do qual circula o dinheiro e o produtivo. Marx escreve:

Mas os ciclos dos capitais individuais se ligam uns com os outros, se supõem e se determinam reciprocamente, e justamente esse entrelaçamento constitui o movimento de todo o capital social. Na circulação simples das mercadorias, a metamorfose completa de uma mercadoria representa elo da série e metamorfoses do mundo das mercadorias; do mesmo modo, a metamorfose do capital individual constitui elo da série de metamorfoses do capital social. Mas, se a circulação simples das mercadorias não inclui necessariamente a circulação do capital, podendo ocorrer em regime de produção não-capitalista, o ciclo da totalidade do capital social abrange, conforme já observamos, ainda a circulação

¹ A formulação dos silogismos a partir das categorias de universalidade, particularidade e singularidade é inspirada no livro da *Doutrina do Conceito*, de Hegel, terceiro livro da *Ciência da Lógica*. Do ponto de vista lógico, é evidente a semelhança entre a silogística hegeliana e a estruturação do livro que trata da circulação do capital.

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

de mercadorias que não entram no ciclo do capital individual, ou seja, a circulação de mercadorias que não constituem capital (MARX, 2008, p. 401).

Na presente abordagem não nos encontramos mais na esfera de um capitalista individual, sua indústria, seu dinheiro e seus negócios particulares, mas na estrutura da esfera geral do capital social. Trata-se da estrutura geral das relações sociais como uma única força produtora do capital na sua estrutura e organização interindividual, intracapitalista, intercapitalista, nacional, internacional e intercontinental. Marx mostra que o capital é uma única coisa global e absoluta, constituída através da circularidade, intercircularidade e interrelacionalidade de todas as modalidades de capital, um entrelaçamento universal do capital produtivo, do capital financeiro e do capital mercantil. As três modalidades de capital não constituem esferas justapostas e diferenciadas, mas constituem uma teia complexa na qual se entrelaçam de forma multilateral e global. As determinações do capital formam uma cadeia de universalidade absoluta na qual se entrelaçam e se mediatizam reciprocamente em toda a extensão da estrutura social, de forma que cada uma se estende nas outras em sua totalidade. Desta forma, todas as indústrias do mundo, todas as instituições financeiras e formas de capital financeiro do mundo e todo o sistema de circulação de mercadorias forma a grande máquina do sistema econômico capitalista na totalidade do capital industrial. A pergunta diz respeito a este entrelaçamento que forma o capital social, porque no processo de estruturação do capital tende a desaparecer a subjetividade com tendência à coisificação das relações sociais. Neste caso, quando Marx aborda o capital social, o sistema capitalista é resultado de uma estrutura social objetivada. Neste caso, o sistema relacional capitalista, no entrelaçamento dos diferentes capitais, figura como uma estrutura de intersubjetividade coisificada.

O segundo livro, cuja temática é a circulação do capital, somente é compreendido em toda a sua complexidade quando o sistema do capital é formulado na sistemática dos círculos de mediação, nos silogismos. O primeiro silogismo, resultante da circularidade universal e da totalidade espacial do capital é o formato capital dinheiro, capital produtivo e capital mercantil, constituído na figuração lógica da universalidade, particularidade e singularidade. Neste formato, o capital produtivo exerce o papel de mediação entre o universo do dinheiro e do mercado, especialmente porque dele se desdobram o capital dinheiro e o mercado. Nesta perspectiva sistemática, o capital produtivo lança no mercado todos os bens produzidos que sofrem, neste movimento, a metamorfose da condição de valor-de-uso para a abstração típica da mercadoria. Nesta perspectiva, o mercado circula e dá o destino no consumo final da mercadoria, pois, nesta lógica, circula e é consumido aquilo que a indústria produz. Por outro lado, o capital dinheiro é produzido e é posto em circulação através da produtividade capitalista, pois o círculo de compras e de vendas efetuado pelo capital produtivo coloca o dinheiro em movimento. Nesta configuração silogística, o capital produtivo funciona como uma espécie de infraestrutura material, cujo movimento representa a autoprodutividade e produtividade no sentido de colocar as outras modalidades em movimento.

O segundo formato de silogismo caracteriza a figuração de capital produtivo, capital mercantil e capital financeiro, na estrutura lógica de particularidade, singularidade e universalidade. A mediação do capital mercantil representa a circularidade global do sistema, não uma esfera estática contraposta às outras dinâmicas, mas esta mediação é indicadora da circularidade global e universal. O mercado global de circulação de mercadorias, como um sistema multilateral de intercâmbio de mercadorias, também transforma o dinheiro e o produtivo como determinações internas deste movimento. Na mediação do capital mercantil, o sistema de circulação de mercadorias determina o fluxo de consumo e o ritmo de produção industrial. Por este viés, o que

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

determina o processo produtivo são as tendências do mercado, o universo e o perfil do consumidor e os padrões de qualidade requeridos pelo sistema de consumo. Na configuração deste silogismo, o sistema mercantil de circulação de mercadorias determina o processo produtivo, a qualidade da produção, as taxas de lucro do sistema produtivo e o espaço que cada uma ocupa no sistema global. Neste círculo, até o sistema produtivo como estrutura produtiva se incorpora no sistema de circulação de mercadorias, porque as máquinas e as forças produtivas são componentes que circulam, são consumidos e substituídos. O capital dinheiro tem uma especificidade no sistema de circulação de mercadorias, pois a circulação do dinheiro é diretamente condicionada pelo processo, pela quantidade e pela intensidade do sistema de troca de mercadorias.

A última estrutura silogística é capital mercantil, capital financeiro e capital produtivo, na figuração lógica de singularidade, universalidade e particularidade. Nesta mediação, todas as determinações do capital assumem as figurações lógicas de universalidade, de particularidade e de singularidade e todas, ciclicamente, constam na posição de começo, mediação e conclusão. Neste formato de mediação do capital financeiro, o sistema capitalista aparece como o sistema do dinheiro, no melhor estilo da financeirização do mundo. O capital dinheiro assume duas funções fundamentais neste silogismo. A primeira delas é a condição da substancialidade intrínseca do sistema econômico, pois o dinheiro circula dentro do sistema produtivo e do sistema de troca de mercadorias, na condição de resultado e de referência de valor universal. É a circulação na forma de capital porque ele é ciclicamente dispendido e recuperado numa magnitude maior no processo de desenvolvimento capitalista. O outro componente do silogismo é a sua expressão na forma especulativa, numa espécie de universalidade exterior cuja dinâmica independe do processo de produção e circulação, manifestado na especulação do aumento exponencial do lucro depositado nos bancos. Mas o silogismo diz respeito à função de mediação entre as trocas e a capitalização no lucro quando todas as mercadorias são valorizadas nesta referência. O dinheiro, como manifestação do capital, não é resultado do sistema de produção e de troca, mas já possui em si mesmo a referência do valor aplicado a todas as mercadorias e dissolve o mundo material no seu formato de valoração. Na mediação da circulação universal do capital, parece que uma das formas mais excelentes de circulação universal é o intercâmbio de dinheiro por dinheiro, a troca de dinheiro por dinheiro, efetivada no intercâmbio entre moedas locais e universais. Além do círculo de autovalorização do valor nesta modalidade, os sistemas do capital produtivo e do capital mercantil figuram como objetivações do capital financeiro, como dinheiro materializado. Sobre a circulação, Marx escreve:

Vimos no Livro Primeiro, Capítulo VI, que os meios de produção em todo processo de trabalho, quaisquer que sejam as condições sociais, se dividem em meios de trabalho e objetos de trabalho. Mas só no modo capitalista de produção uns e outros viram capital, e “capital produtivo”, conforme conceituamos na Parte Primeira. Assim, a diferença entre meio de trabalho e objeto de trabalho fundamentada na natureza do processo de trabalho reflete-se, de nova forma, na diferença entre capital fixo e capital circulante. Só por isso, uma coisa que funciona como meio de trabalho se torna capital fixo. Se, de acordo com suas propriedades materiais, pode exercer outras funções que não a de meio de trabalho, será ou não capital fixo segundo a função que exerça. O gado utilizado para carga é capital fixo; o gado de engorda é matéria-prima, que, por fim, entra na circulação como produto, não sendo, portanto, capital fixo e sim circulante (MARX 1998, p. 183).

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

Para Marx, conforme demonstrado amplamente, o importante é a circulação do capital num fluxo de ampliação constante que integra todas as modalidades de capital. Em caso de estagnação do capital, ele se dissolve porque as formas de capital fixo sempre são problemáticas. Um dos aspectos estruturantes do livro que trata da circulação do capital é a relação entre capital fixo e capital circulante, na equação do tempo de circulação. Marx destaca uma base fixa de capital e um capital circulante e variável. O capital fixo é constituído pelos meios de produção, tais como máquinas, fábricas, meios de transporte como caminhões, trens e ônibus. Trata-se de uma base fixa por constituírem forças produtivas com um período determinado de duração no qual produzem regularmente, sem interrupção do processo produtivo. Em condições normais, uma máquina tem um período de duração de uns dez anos nos quais produz num volume muito mais elevado do que os custos de sua aquisição e manutenção. Depois deste longo tempo, elas são substituídas por meios mais modernos quando perfaz um ciclo produtivo muito mais longo e mais lento. Em compensação, os objetos de trabalho produtivo constituem capital circulante, pois são regularmente repostos na medida em que esta modalidade de capital é consumida. Como exemplo, há os produtos alimentícios consumidos massivamente no dia a dia e eles precisam ser repostos para a circulação permanente. Mas a modalidade mais precisa de capital circulante é o trabalho humano, cuja atividade é permanente e fundamento da produção. Nesta formulação, até o capital fixo precisa transformar-se em capital variável, pois no final de um ciclo o sistema de máquinas e de indústrias precisa ser substituído por instrumentos que favoreçam o processo de aplicação de novas tecnologias e fabricação de novos produtos. Trata-se de uma circularidade mais lenta, mas ela é realizada a partir de investimentos mais vultuosos.

A problemática básica do segundo livro de *o Capital* é a circulação do capital e o tempo de circulação. A regra básica é que a circulação não pode parar e ela precisa acontecer de forma continuada, intensiva, de forma cada vez mais ampla e num prazo de tempo cronológico cada vez menor. Os processos de produção e de circulação precisam de continuidade e intensidade, caso contrário, o próprio sistema entra em colapso. No modelo produtivo capitalista são conhecidas as formas de acumulação de capital, e quando elas não entram na dinâmica da circulação, tendem a se autodestruir. São exemplos típicos a fortuna acumulada pelos capitalistas em forma de riqueza material e em forma de capital especulativo da riqueza fictícia, a concentração de meios de produção de terras e de meios de produção etc. A regra da continuidade da roda de produção e de consumo capitalista é indicativo de que é preciso produzir sempre, é preciso colocar sempre no mercado e é preciso consumir sempre. Parece que a regra geral do segundo livro é a lógica contraditória segundo a qual o capital se autodestrói na medida em que se autodetermina e se autoconstrói, se destrói pela construção e se constrói pela autodestruição. Nesta lógica, a hipótese de uma acumulação crescente e continuada de riqueza material e de riqueza formal em dinheiro é unilateralmente autodestrutiva e não se sustenta. De forma equilibrada, o círculo de produção global deve ser acompanhado também por um círculo de consumo global, caso contrário, o crescimento exponencial ilimitado se destrói a si mesmo.

DA CIRCULAÇÃO PARA O PROCESSO GLOBAL DE PRODUÇÃO

Cada livro que compõe *o Capital* apresenta uma lógica diferente e expõe outro patamar de racionalidade, já que Marx faz uma exposição lógica e especulativa do capital. No terceiro livro não encontramos a distinção entre capital produtivo e capital que circula no mercado, entre produção

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

e consumo, entre compra e venda, entre uma massa social que produz e outra que consome. Os binômios de produção e consumo, compra e venda, interioridade e exterioridade, constituem polos integrados de um único processo de produção do capital nas mais variadas modalidades. Não se trata de uma máquina que produz mercadorias para o consumo, mas todos os componentes do capital dinamicamente integrados em forças opostas constituem a grande máquina autoprodutora de si mesma. Em outras palavras, tudo está integrado e incorporado ao capital, não apenas as suas determinações de produção, dinheiro e mercadoria, mas as outras determinações da realidade como a Natureza, a Sociedade, o Estado, a História, a Religião e Deus são componentes intrínsecos do capital que incorpora incondicionalmente tudo à sua lógica. O terceiro volume não é simplesmente sobreposto aos dois anteriores, mas a sua maior complexidade permite afirmar que ele integra sinteticamente o universo subterrâneo do primeiro livro e a superfície da circulação do segundo, como uma autocircularidade produtiva universal.

O terceiro livro de *o Capital* formula as profundas e radicais contradições do sistema capitalista, especialmente no seu processo de desenvolvimento cíclico no qual aparece a oposição radical do ciclo virtuoso de crescimento e a crise autodestruidora definitiva. Sabemos que Marx não se restringe em *o Capital* ao tratamento do capitalismo inglês de seu tempo, mas interpreta especulativamente as leis e reconstrói a estrutura do modelo produtivo capitalista em sua incidência na vida social e em seu mecanismo aberto de desenvolvimento. No terceiro livro, Marx aborda temas globais como a concorrência entre os diferentes capitais individuais, as taxas de lucro, o comércio de dinheiro, a concorrência e o monopólio, o crédito bancário, as contradições entre capital mercantil e capital produtivo, capital de juros, propriedade fundiária, as crises capitalistas etc. Como Marx expõe nos livros II e III a multiplicidade de capitais dialetizada e integrada na totalidade e universalidade do capital social, a pergunta básica diz respeito à suficiência da circulação global de mercadorias, integradas neste movimento o capital produtivo e o capital dinheiro, da imensa necessidade de produção de lucros? Dali advém, talvez, a contradição fundamental de todo *o Capital* que é a formação de uma abstração na qual o capital financeiro especulativo se constitui fora da esfera da circulação universal de mercadorias. Sobre esta esfera Marx escreve:

A concorrência reparte o capital da sociedade entre os diferentes ramos de produção, de maneira tal que os preços de produção em cada ramo se constituem segundo o modelo dos preços de produção nos ramos de composição média, e daí ser válida para eles a fórmula $k + kl'$ (preço de custo + produto da taxa média de lucro pelo preço de custo). Essa taxa média de lucro nada mais é do que o lucro percentualmente calculado nos ramos de composição média, em que o lucro coincide, portanto, com a mais-valia. A taxa de lucro é, assim, a mesma em todos os ramos, sendo, portanto, nivelada por aquela dos ramos médios, em que domina a composição média do capital. Em consequência, a soma dos lucros de produção deve ser igual à soma das mais-valias, e a soma dos preços de produção da totalidade do produto social, igual à soma dos valores (MARX, 2008, p. 229).

No terceiro livro de *o Capital*, a circularidade da totalidade do capital é dialeticamente inseparável de uma multiplicidade de capitais e capitalistas individuais. Para a compreensão desta problemática, é importante verificar a força motriz deste sistema relacional que integra a

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

multidimensionalidade de capitais num único movimento capitalista global. Seguramente, as relações capitalistas e intercapitalistas não têm como inspiração a fraternidade cristã e o amor incondicional aos irmãos, mas antes caracteriza uma espécie de guerra de todos contra todos. Na esfera social do sistema capitalista, cada capitalista individual luta para estabelecer-se na totalidade do mercado, para tanto, necessita utilizar um conjunto de estratégias para superar os outros capitalistas individuais do mesmo ramo de atividade. Nesta lógica de concorrência, ou o capitalista individual é sufocado por outros capitalistas mais ousados, ou ele precisa superar vários outros para se estabelecer dentro do sistema. Marx evidencia uma espécie de luta interna ao sistema capitalista na qual cada um luta para usufruir maximamente dos lucros produzidos a partir dos porões invisíveis da exploração do trabalho alheio. Neste contexto, cada capitalista individual luta para lançar no sistema universal de troca, fazer chegar ao consumidor final o seu produto e obter em troca a benção do lucro. Nesta guerra desordenada da concorrência onde todos tentam eliminar todos para permanecerem vivos, há um elemento de equilíbrio que são os preços médios das mercadorias. Neste cenário, o que regula a concorrência são os preços, pois quem lançar no sistema de trocas um conjunto de mercadorias acima do preço médio de mercado, não consegue vendê-las, razão pela qual aparece a taxa do lucro médio obtido a partir da média entre os melhores resultados no processo produtivo e os piores resultados no processo produtivo. Assim, a concorrência generalizada distribui os lucros médios por todos os ramos da produção. Marx aprofunda esta questão:

Admitamos que a grande massa dessas mercadorias se produza aproximadamente em condições sociais normais, de modo que esse valor seja ao mesmo tempo o valor individual de cada uma das mercadorias que constituem essa massa. Se há duas frações menores, uma produzida abaixo, outra acima dessas condições, de modo que o valor individual de cada uma é maior, e o da outra, menor que o valor médio dessa massa central, os dois extremos se compensam, de modo que o valor médio das mercadorias neles situadas é igual ao valor das mercadorias da faixa do meio, e assim o valor de mercado fica determinado pelo valor das mercadorias produzidas em condições médias. O valor da totalidade das mercadorias é igual à soma real dos valores individuais de todas as mercadorias, tanto das produzidas em condições médias quanto das produzidas abaixo ou acima dessas condições. Neste caso, o valor de mercado ou o valor social da totalidade das mercadorias – o tempo de trabalho necessariamente nelas contido – é determinado pelo valor da grande massa central (MARX, 2008, p. 239).

Uma questão-chave do terceiro livro de *o Capital*, no cenário global de circulação e de troca de mercadorias, é o fator determinante do preço das mercadorias. Não se trata do melhor preço de uma mercadoria que um consumidor compra num estabelecimento comercial, por exemplo, ele procura o menor preço para determinado modelo de uma geladeira. Nesta esfera de autoconstrução do capital, Marx aborda a totalidade da massa social da força de trabalho aplicada à produção global de mercadorias, da totalidade de mercadorias produzidas em todo o planeta em todos os ramos produtivos e a taxa média do preço das mercadorias. O filósofo sabe muito bem da existência de mercadorias com preço acima da média de mercado, com preços abaixo da média de mercado e com preços medianos reguladores do sistema de troca. Marx fala da massa de mercadorias como a soma matemática de todas elas individualmente consideradas, de cuja lógica advém o preço médio de todas elas. Pelo viés da mediação dos preços, há uma interpenetração de todas as mercadorias

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

circulantes de forma integrada, no sentido de que o preço de uma mercadoria comprada num determinado setor do comércio local é o resultado da combinação dos preços médios da massa de todas as outras mercadorias intercambiadas no mundo inteiro. Assim, Marx aponta os preços individuais das mercadorias, a massa universal das mercadorias, o preço médio das mercadorias, a força social de trabalho, a faixa média universal dos preços das mercadorias etc. Desta forma, o preço que o consumidor paga por determinada mercadoria não é o valor determinado dela, mas é resultado da combinação individual e da universalização resultante nos preços de todas as mercadorias como a lógica intrínseca do mercado. Marx aponta uma contradição profunda do sistema capitalista do mercado orientado pela maximização dos lucros em menor tempo possível, quando, na verdade, há uma tendência visível na diminuição global da taxa de lucro. Mas avançamos com Marx:

O montante, as formas e os movimentos da circulação do dinheiro não passam de resultado da circulação das mercadorias, a qual, no capitalismo, representa apenas o processo de circulação do capital, onde se inclui a troca de capital por renda, de renda por renda, desde que se trate de desembolso de renda a consumir do capitalista no comércio a retalho. Nessas condições, é evidente que o comércio de dinheiro não promove a circulação de dinheiro, mero resultado da circulação das mercadorias, maneira de esta aparecer. Para ele é um dado a própria circulação do dinheiro, aspecto da circulação das mercadorias, e o que ele propicia são as operações técnicas da circulação monetária, as quais acrescenta, abrevia e simplifica (MARX, 2008, p. 427).

Uma questão que perpassa o grandioso terceiro livro de *o Capital* é a suficiência ou não da obtenção de lucros a partir da circulação de mercadorias. Nesta esfera, a circulação de dinheiro é consequência da circulação das mercadorias, pois o dinheiro resulta como referência universal de combinação e de valoração entre todas as mercadorias, como expressão de valor e como parâmetro comparativo universal. O processo de circulação de capital, como vimos acima, caracteriza o círculo da obtenção de lucro de um dinheiro adiantado que retorna ao bolso do capitalista através da venda por um preço mais elevado. Nesta lógica, a circulação do dinheiro é resultado do processo de circulação das mercadorias da qual aquele é a expressão. Trata-se de uma forma fundamental de capital, porque, na imanência da circulação, o dinheiro aumenta de magnitude. Marx chama a atenção que o mero comércio de dinheiro, na simples forma da troca de dinheiro por dinheiro, não produz a circulação de dinheiro, permanece exterior ao processo de troca e circulação de mercadorias e cria uma riqueza meramente fictícia. Um dos problemas abordados por Max neste terceiro livro é a separação entre produção e circulação de mercadorias, por um lado, e a formação do capital especulativo e improdutivo, por outro. Da simples troca de dinheiro por dinheiro nada resulta, apenas o aumento de seu volume produzido por ele mesmo. Esta lógica cria uma riqueza imaterial e fictícia, contraposta ao processo de produção da riqueza material e à sua distribuição. Este formato de riqueza eminentemente especulativo e fictício, na sua absoluta imaterialidade, extrai os recursos do sistema produtivo, empobrece a população e desequilibra as relações sociais ao concentrar grande parte das riquezas nas contas bancárias de poucos. Desta forma, o comércio de dinheiro, restrito à pura lógica do dinheiro, caracteriza uma das principais contradições do nosso tempo manifestada na antinomia entre o capital produtivo e o capital financeiro. Este raciocínio tem outras facetas:

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx

WOHLFART, J. A.

Do exposto ressalta absurdo considerar o capital mercantil, seja na forma de capital comercial ou na de capital financeiro, espécie particular de capital industrial, como, por exemplo, a mineração, a agricultura, a pecuária, a manufatura, a indústria de transporte etc., que, em virtude da divisão do trabalho, constituem ramificações determinadas, e, por conseguinte, esferas especiais de aplicação do capital industrial. Bastaria para aniquilar essa concepção grosseira a simples observação de que todo capital industrial, quando na fase de circulação do processo de reprodução, enquanto capital-mercadoria e capital-dinheiro, desempenha funções que são as mesmas e as únicas do capital mercantil em suas duas formas. No capital comercial e no financeiro há autonomia da fase de circulação do capital industrial, dissociada da produtiva, pois as formas e funções determinadas que este capital assume transitoriamente nessa fase passam a ser formas e funções autônomas e exclusivas de parte separada do capital. Essa forma transmutada do capital industrial nada absolutamente tem com as diferenças materiais entre os capitais produtivos aplicados, oriundas da natureza diversa dos ramos de produção (MARX, 2008, p. 433).

O terceiro livro de *o Capital*, conforme já enfatizado, não tem como palavra final um sistema econômico concreto e universal, mas retorna, em outro nível de expressão, a lógica abstrata da mercadoria e do dinheiro formulada no primeiro volume. Aliás, o sistema econômico capitalista é um sistema abstrato de troca de mercadorias e de circulação de dinheiro. Marx entra na esfera do capital mercantil, desdobrado na forma de capital comercial e no capital financeiro. Ao referir o capital comercial, o filósofo tem em consideração o sistema universal de troca de mercadorias, o sistema universal de circulação de mercadorias na forma ampla e universal do mercado. Quando se trata do capital financeiro, o capital dinheiro transmuda-se na lógica da mercantilização do capital quando a lógica do dinheiro assume a forma universal do comércio de dinheiro. Nestas condições, não estamos mais na esfera da circulação de mercadorias mediatizadas pelo dinheiro e o preço médio delas, mas o dinheiro abstrai-se da base material e adquire uma lógica autônoma de autoconstituição na autocirculação. O dinheiro é trocado por dinheiro, em intercâmbios internacionais, quando toma uma forma autônoma em relação ao sistema produtivo. Marx chama a atenção que não se trata mais de determinações particulares do capital industrial, como a mineração, a agricultura, a pecuária e a manufatura, mas elas desaparecem diante da abstração do sistema invisível do capital. Sob esta nova denominação, o capital mercantil, o capital industrial, o capital financeiro e o capital comercial constituem formas transmutadas de capital, uma espécie totalmente diferente em suas formas materiais, pois o capital mercantil empreende uma circularidade e uma intensidade tão ampla que dissolve as configurações concretas e visíveis. Nestas alturas, a tendência é a constituição de um sistema abstrativo onde se dissolvem as estruturas concretas e dá lugar à homogeneização das diferentes modalidades de capital como uma forma mercantil de troca e circulação universal. Para Marx:

O desenvolvimento autônomo e preponderante do capital como capital mercantil significa que a produção não se subordina ao capital, que o capital, portanto, se desenvolve na base de uma forma social de produção a ele estranha e dele dependente. O desenvolvimento autônomo do capital mercantil está, portanto, na razão inversa do desenvolvimento econômico geral da sociedade [...]. O capital pode e tem de formar-se no processo de circulação, antes de aprender a dominar seus extremos, os diferentes ramos da produção, ligados pela circulação. A circulação de dinheiro e a de mercadorias podem servir de

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

intermediários a ramos de produção com as mais diversas organizações (MARX, 2008, p. 438).

As ambiguidades e contradições se aprofundam na medida em que se lê o terceiro livro. Aqui Marx enfatiza o desenvolvimento autônomo do capital mercantil num processo inverso ao desenvolvimento econômico geral da sociedade. Há na obra um contínuo aprofundamento da antinomia entre a grandiosidade do capital e a coisificação da sociedade. No caso específico do texto introduzido, a circulação universal do sistema de mercadorias na circulação do grande mercado e a circulação universal do dinheiro são diametralmente opostas à base econômica da sociedade como um todo. Isto se explica concretamente porque o sistema de circulação universal de mercadorias destrói bases econômicas locais e corrói a base econômica em muitos lares. Neste raciocínio, o valor do dólar, o sistema internacional de valores e preços, a importação de mercadorias mais baratas e mais qualificadas podem sufocar as bases econômicas locais. Por exemplo, os preços de mercado das sementes, dos insumos, dos combustíveis e das máquinas podem inviabilizar as propriedades rurais em razão dos baixos preços dos produtos agrícolas não compensarem o investimento realizado. O retorno que uma infraestrutura produtiva de uma propriedade proporciona pode ficar inviabilizado pelas exigências de incremento de tecnologia, de novos equipamentos e de qualificação da produção. Uma simples alteração do valor do dólar pode comprometer uma economia local e a sobrevivência material de uma sociedade inteira. Mas, para Marx, é importante enfatizar que o sistema de circulação de dinheiro e de mercadorias mediatiza os mais variados ramos produtivos, fazendo-os entrar na ação recíproca e na interligação através da circulação. Através da circulação de mercadorias e de dinheiro, todos os setores produtivos, todas as indústrias de todos os ramos estabelecem uma espécie de interconectividade universal, de modo a formar um único sistema de totalidade. Para Marx, como o sistema de circulação transforma os diferentes setores produtivos num sistema de produção, no capitalismo contemporâneo a circulação determina amplamente a produção. Avançamos no raciocínio:

Da mera forma da circulação das mercadorias, $M - D - M$, surge dinheiro não só como medida do valor e meio de circulação, mas também como forma absoluta da mercadoria e, por conseguinte, da riqueza, como tesouro, e a imobilização e acréscimo como dinheiro tornam-se um fim em si mesmo. Analogamente, da simples forma de circulação do capital mercantil, $D - M - D'$, surge o dinheiro, o tesouro, como algo que se conserva e aumenta por meio da mera alienação (MARX, 1998, p. 440-441).

A leitura do terceiro volume de *o Capital* acompanha o avanço do raciocínio de Marx rumo a um capitalismo fictício. Acima afirmamos, com citação do próprio Marx, que o dinheiro é o resultado da circulação das mercadorias, na medida em que a circulação chega a um denominador comum representativo do valor universal de todas as mercadorias, na condição de referencial de troca. Mas este processo evolui para o dinheiro como medida de todo o valor e meio de circulação, quando o dinheiro em forma de capital determina a circulação das mercadorias. Nesta lógica, a circulação de mercadorias aparece como meio de autovalorização do dinheiro que, de agora em diante, determina aprioristicamente o valor das mercadorias. Marx especifica diferentes níveis de qualificação do dinheiro, como medida de valor, meio de circulação, mercadoria absoluta e dinheiro como tesouro. Na forma da mercadoria absoluta, o dinheiro concentra em si mesmo todo o valor, no círculo da autovalorização do valor e como autorrelação absoluta referida a si mesma e tudo é

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx

WOHLFART, J. A.

transfigurado na forma do dinheiro. Neste grau, o dinheiro não é mais resultado da circulação de mercadorias, da forma como Marx fez a exposição no primeiro volume, mas é o dinheiro que determina a circulação de mercadorias. Nesta lógica, nada no mundo possui qualquer valor, mas, de forma arbitrária, o dinheiro, como a forma do valor absoluto, determina incondicionalmente o valor de todas as coisas. Desta forma, o dinheiro abandonou a condição de meio de circulação e resultado da circulação, para se transformar na medida absoluta de todas as coisas em cuja torrente dissolve o valor intrínseco de todas as coisas e de tudo. No sistema de circulação de mercadorias, o dinheiro não apenas resulta em mais dinheiro, mas alcança outra qualidade na esfera da mercadoria absoluta. Daqui surge o dinheiro como tesouro, como riqueza absoluta em si mesma, razão pela qual a conquista desta riqueza se transformou no fim em si mesmo. Nesta forma, concentram-se as riquezas da ciência, da sabedoria e da religião, e a conquista e adoração desta divindade absoluta é a fonte de todo o conhecimento e de toda a virtude. Marx aponta a consequência disso:

O desenvolvimento do comércio e do capital mercantil leva a produção por toda a parte a orientar-se pelo valor-de-troca, aumenta o volume dela, diversifica-a e dá-lhe caráter internacional, e faz o dinheiro converter-se em dinheiro universal. O comércio por isso exerce sempre ação mais ou menos dissolvente sobre as organizações anteriores da produção, as quais em todas as suas diversas formas se guiam essencialmente pelo valor-de-uso (MARX, 2008, p. 442-443).

O objeto de análise e de crítica em *o Capital* é o capitalismo internacional, no caráter aberto de desenvolvimento em suas mais variadas fases. Para Marx, o capitalismo é um produto histórico e apresenta uma série de etapas que marcam o seu desenvolvimento histórico. A base para a compreensão deste sistema é o desenvolvimento do comércio e do capital mercantil regulados pela lógica do dinheiro como mercadoria absoluta e como forma absoluta do valor. O comércio internacional tem um caráter de espacialidade, pois ocupa todos os continentes do planeta, tem um caráter de diversidade, pois uma multiplicidade infinita de espécies de mercadoria constitui o sistema de trocas e transforma tudo num único sistema de produção e de troca. A trilogia da espacialidade universal, da diversidade ilimitada de mercadorias é completada pelo dinheiro universal, pois a multiplicidade de moedas existentes no mundo forma um único dinheiro universal a funcionar como forma de valor absoluto de todas as coisas. Marx já percebeu que o capitalismo de seu tempo não se caracterizou pela produção de valores-de-uso, objetos necessários à vida e à sobrevivência material da humanidade, mas produz a abstração do valor-de-troca como valor absoluto para a obtenção de lucros. O raciocínio de Marx continua:

São os meios de produção monopolizados por determinada parte da sociedade, os produtos e condições de atividade da força de trabalho os quais se tornam autônomos em oposição à força de trabalho viva e, em virtude dessa oposição, se personificam no capital. O capital são os produtos gerados pelos trabalhadores e convertidos em potências autônomas dominando e comprando os produtores, e mais ainda são as forças sociais e a forma do trabalho com elas conexas, as quais fazem frente aos trabalhadores como se fossem propriedades do produto deles. Temos aí, portanto, determinada forma social, envolvida numa névoa mística, de

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

um dos fatores de um processo social de produção fabricado pela história (MARX, 2008, p. 1078).

No terceiro livro de *o Capital*, Karl Marx desmistifica a sociedade capitalista e denuncia a radical desumanização e coisificação deste modelo econômico sobre a humanidade. A imensa riqueza econômica da sociedade, as riquezas concentradas nas mãos da classe rica, o dinheiro que movimenta a economia e a estrutura econômica da sociedade capitalista constituem resultado da objetivação do trabalho humano explorado. Sabemos que, neste processo, a subjetividade humana e a liberdade social são coisificadas e personalizadas na gigantesca e complexa estrutura do modelo produtivo capitalista, o que resulta na antinomia entre a desumanização radical do ser humano e a autonomia da estrutura capitalista. Nesta lógica, perde-se a ligação entre o trabalho humano e social e a ordem capitalista, e a imensa estrutura econômica desta sociedade é vista como autônoma e regulada a partir de si mesma. Nesta insolúvel contradição, invertem-se as qualificações da polaridade ética e epistemológica, na medida em que a estrutura do capital aparece como uma gigantesca estrutura de subjetividade e “intersubjetividade”, enquanto o ser humano perde a sua subjetividade e se coisifica neste processo. Segundo Marx, as forças sociais e as formas de trabalho estão diretamente conectadas a este sistema, razão pela qual o trabalho humano é sugado pelo sistema econômico e a ele incorporado como a sua estrutura motriz invisível. Isto significa dizer que o capitalismo é constituído pela força social do trabalho e a sua organização, mas a mesma passa a ser ocultada diante da imensa estrutura econômica da sociedade que se autonomiza diante dela. Neste sistema, o círculo que constitui o trabalho social faz com que o capital seja resultado da exteriorização, e esta objetividade objetivada pelo trabalhador se volta contra o seu criador. A massa dos trabalhadores é desumanizada e alienada pela imensa estrutura do capital criada por eles próprios através do processo de trabalho e do movimento de objetivação, e o sistema capitalista os rebaixa ao nível das coisas. Na oposição entre trabalhadores e sociedade, por um lado, e o capital, por outro, a objetivação se personaliza no capital como um deus absoluto. Finalizamos com esta citação de Marx:

Com o desenvolvimento da mais-valia relativa no modo de produção especificamente capitalista, que implica a expansão das forças produtivas sociais do trabalho, essas forças e as conexões sociais do trabalho no processo direto de trabalho parecem transferidas do trabalho para o capital. Em consequência, o capital se torna ser sumamente místico, pois todas as forças produtivas sociais do trabalho parecem provir, brotar dele mesmo e não do trabalho como tal. Intervém então o processo de circulação que nas suas mudanças de matéria e de forma envolve todas as partes do capital, inclusive do capital agrícola, na medida em que se desenvolve o modo especificamente capitalista de produção (MARX, 2008, p. 1091).

Na sociedade capitalista predomina o desenvolvimento da mais-valia relativa resultante na expansão e qualificação das forças produtivas. Sabemos que este modelo produtivo construiu impressionantes forças produtivas, tais como a maquinaria pesada, as indústrias, os vagões de trem e os motores de combustão interna, a hidroeletricidade e a força dos motores elétricos, com capacidade produtiva cada vez maior. Isto está diretamente associado à expansão das forças sociais de trabalho e às interconexões sociais do processo de trabalho, na interação social das massas de trabalhadores e na formação de uma força coletiva estruturada entre setores sociais coletivizados e

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx

WOHLFART, J. A.

interconectados numa mesma força universal de trabalho. A gigantesca infraestrutura produtiva da sociedade capitalista é resultado da imensa organização do trabalho humano, uma forma social de objetivação da inteligência e do trabalho humano. Porém, aqui aparece uma das principais teses de Marx que é o ocultamento desta conexão básica e o sistema da força produtiva capitalista é considerado como independente, autorregulado e autônomo. Nesta argumentação, o círculo universal da intersubjetividade social organizado no sistema coletivo do trabalho é ocultado e transferido para o sistema objetivo da produção capitalista, evidenciando uma das grandes contradições iminentes do sistema capitalista entre as relações de produção e as forças produtivas. Esta é a base da mistificação da sociedade, ocultada em suas bases éticas, racionais e históricas e sacrificada a um sistema econômico invisível que expropria as forças sociais. Não é mais apenas a mistificação do capital financeiro, mas as outras dimensões do capital produtivo e do capital mercantil também são mistificados e se transformam, conjuntamente, em força de esvaziamento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizamos uma abordagem acerca de *o Capital*, de Karl Marx, na perspectiva da estrutura metódica de sua estruturação. O pano de fundo da exposição realizada é a lógica do capital, nas diferentes formas sistemáticas de sua articulação necessárias para a sua leitura e interpretação. Trata-se de uma exposição dialética, cuja construção teórica é conduzida desde as determinações mais imediatas do capital até as determinações mais complexas e propriamente universais. O fio condutor desta epopeia é a contradição fundamental que atravessa toda a obra, em vários níveis de intensidade, entre o engrandecimento do capital e a coisificação do homem e das relações sociais. O poder de mistificação e de destruição fica cada vez mais explícito na medida em que avança a exposição.

Estrutturamos o texto em momentos diversos, segundo o encadeamento dos momentos lógicos que caracterizam a totalidade de *o Capital*. Destacamos as determinações imediatas do capital, tais como o valor-de-troca, a mercadoria e o dinheiro, agrupados na circulação de mercadorias. Destacamos o movimento de passagem da aparência imediata para a produção do capital, no espaço invisível da interioridade onde o ser humano é “liturgicamente” sacrificado ao Deus capital, na modalidade da produção industrial expressada no lucro e na mais-valia. Num momento mais complexo, como passagem para a circulação do capital, a produção e a circulação constituem um único sistema e um único movimento.

O livro que aborda a circulação do capital não trata apenas da esfera da circulação e do consumo, mas da circularidade global que envolve o sistema da produção e da circulação em sua determinação recíproca. O segundo livro de *o Capital* trata da circulação entre as diferentes determinações do capital como estruturas constitutivas da totalidade do capital, numa circularidade na qual o capital aparece em cada fração. Aspecto fundamental no terceiro livro da obra é a universal concorrência entre as corporações particulares, a formação do preço das mercadorias e o fenômeno da concorrência que expõe todos os capitalistas individuais contra todos e estabelece a taxa média de lucro.

O *Capital* continua uma obra de suma atualidade. Ao lê-la, parece que o texto é escrito a partir da realidade atual. Enquanto o capitalismo continua fazendo as suas vítimas e a burguesia

Estruturas dialéticas em *O capital* de Karl Marx
WOHLFART, J. A.

continua como a dona do mundo, a obra marxiana preserva a atualidade. O capitalismo atual é o mesmo da época de Marx, com a significativa mudança do capitalismo da maquinaria para um modelo produtivo da comunicação, da biotecnologia, da tecnologia digital etc. *O Capital* não aborda apenas o capitalismo inglês da época de Marx, mas trata do capitalismo global em todas as fases de seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- MARX, Karl. **O Capital**. Trad. Reginaldo Santana. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MARX, Karl. **O processo de produção do Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- MARX, Karl. **O processo de circulação do Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MARX, Karl. **O processo global de produção capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MARX, Karl. **O processo de produção do Capital**. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.
- MARX, Karl. **O processo de circulação do Capital**. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.
- MARX, Karl. **O processo global de produção capitalista**. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.